

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GUSTAVO STORCK MALETICH

**Os conflitos de memória e o conceito de dessensibilização como  
interpretação à intervenção ao monumento de Borba Gato em São  
Paulo (2021)**

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GUSTAVO STORCK MALETICH

**Os conflitos de memória e o conceito de dessensibilização como interpretação à intervenção ao monumento de Borba Gato em São Paulo (2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação no formato de artigo de periódico apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientação: Profa. Dra. Claudia Wasserman

Porto Alegre

2024

## **Agradecimentos**

Esse trabalho não teria sido concluído sem o apoio e sem os ensinamentos dos professores do Departamento de História ao longo da minha permanência na universidade até então, principalmente pela qualidade inigualável de ensino da UFRGS como universidade pública. E a que devo um agradecimento imenso por tornar viável o sonho da graduação.

Como apoio incondicional durante boa parte do curso, fica as minhas palavras de gratidão à minha companheira Júlia Omizzolo. Que a cada ajuda de revisão em escritas, e por todo suporte em compreender noites e finais de semana perdidos devido às entregas do trabalho de conclusão, se mostrou a parceria que me era necessária durante todo esse tempo. Obrigado por tudo.

Meus agradecimentos também à minha orientadora Claudia Wasserman por todas reuniões de orientação, que por mais breves, sempre elucidaram todas dúvidas e me conduziram à conclusão deste artigo.

## Resumo

A presente pesquisa abarca temas como memória, movimentos sociais, identidade e patrimônio histórico. Dessa diversidade de assuntos condensei os enredos sobre a intervenção ao monumento histórico de Borba Gato, em São Paulo, no ano de 2021. A partir desse recorte temporal e espacial proponho uma interpretação da intervenção ao monumento pelo conceito de “dessensibilização”, do cientista social Daniel Feierstein. O trabalho visa compreender a elevação desse monumento como um processo de dessensibilização sobre as comunidades que ele afronta, direta ou subjetivamente, e compreender a intervenção ao monumento como um movimento contrário: pela resistência das memórias traumáticas que essa estátua reproduz. Aliadas a essa interpretação faço a proposição de dissertar sobre a atuação do movimento social Revolução Periférica, e contextualizar o seu surgimento diante da pandemia de Covid-19 a partir do ano de 2021 em São Paulo. O trabalho parte da apresentação de Paulo Galo, a liderança do movimento que desde o ano de 2020 lidera atos contra a precarização do trabalho, e traz a perspectiva de sua base trabalhista de entregadores de aplicativos na capital paulista.

Palavras chave: Memória, identidade, movimentos sociais, monumentos históricos.

## Resumen

Esta investigación abarca temas como la memoria, los movimientos sociales, la identidad y el patrimonio histórico. A partir de esta diversidad de tópicos, condenso las tramas sobre la intervención al monumento histórico de Borba Gato, en São Paulo, en el año de 2021. Desde esta perspectiva temporal y espacial, propongo una interpretación de la intervención al monumento a través del concepto de “desensibilización”, de Daniel Feierstein. Esta investigación tiene como objetivo comprender la elevación de este monumento como un proceso de desensibilización de las comunidades a las que se enfrenta, directa o subjetivamente, y visualizar la intervención al monumento como un movimiento contrario: a través de las memorias traumáticas que esta estatua reproduce. Combinado con esta interpretación, propongo hablar sobre las acciones del movimiento social Revolução Periférica, y contextualizar su surgimiento frente a la pandemia de Covid-19 a partir de 2019 en São Paulo. Empezo por la presentación de Paulo Galo, dirección del movimiento que desde 2020 dirige acciones contra la precariedad del trabajo, y que trae la perspectiva de su base laboral de repartidores de aplicaciones en la capital de São Paulo.

Palabras clave: Memoria, identidad, movimientos sociales, monumentos históricos.

## Sumário

1. Introdução.....	6
2. Os “parceiros” empreendedores.....	7
3. A memória e o processo de dessensibilização pelo monumento.....	11
4. Um Borba Gato em chamas.....	17
5. Considerações finais.....	22
6. Referenciais Bibliográficos.....	24

## 1.Introdução

Traço como objetivo principal dessa pesquisa analisar a construção e a intervenção ao monumento de Borba Gato, em São Paulo, como um sintoma do conceito de dessensibilização de Daniel Feierstein, que será abordado no último capítulo. Mas para adentrarmos de forma breve, conduzo essa redação observando em como a monumentalidade pode fazer parte do processo de dessensibilização, atingindo memórias que foram traumatizadas por uma figura homenageada, se tornando algo que não se tem escapatória, até o momento em que uma intervenção a coloque em debate. A recordação traumática que o monumento produz em quem é atingido por sua afronta é causa de um desconforto memorial. Sendo o convívio recorrente com essa construção inescapável, a resposta adaptativa do sujeito é de se tornar insensível, impotente, dessensibilizado. (Feierstein, 2012)

Também como pilar dessa pesquisa se torna intrínseco abordar a atuação do movimento social Revolução Periférica, que assume autoria na intervenção ao monumento em 2021, e o percurso da liderança de Paulo Roberto da Silva Lima sobre o movimento. Uma personalidade que compartilha de sua inconformidade com a precarização do trabalho da categoria de entregadores por aplicativo, a qual fazia parte, dentro do contexto pandêmico, desde o ano de 2020. Sua liderança e o próprio movimento trazem à tona essa série de descontentamentos pelas redes sociais, o veículo de mais impacto no período, visto as medidas de isolamento social.

Da mesma forma, vale compreendermos o monumento como patrimônio histórico e entender as nuances da intencionalidade de construção e da identidade apoiada na figura homenageada. Sendo ela uma produção que apresenta intencionalidades seletivas do que deveria ser a representação de um local e de uma identidade, constitui-se como um processo pensado e longe de ser ingênuo. Ao mesmo tempo, percebe-se também as ausências de representatividade e os ataques à memória de grupos impactados pela homenagem a um sujeito controverso.

Fundado nas bases desses objetos: a memória; o movimento social; o patrimônio e identidade, faço essa pesquisa impactado pelos recentes movimentos de derrubada e de intervenção aos monumentos históricos, principalmente na

América Latina, e o reflexo da decolonialidade<sup>1</sup> dos movimentos sociais dos países em questão. Por esse recorte, enxergo o caso de Borba Gato no ano de 2021, um monumento incendiado por ativistas, enquadrado em um momento de indignações e fragilidades pela pandemia de Covid-19 que atinge um monumento que implica um conflito de memórias. Na produção de Feierstein é perceptível a construção do conceito de dessensibilização e sua aplicação para os genocídios do século XX. Por minhas leituras e percepções, o conceito pode possivelmente se ampliar de forma mais objetiva para espaços e lugares de memória (NORA, 1993) no campo da História. Os locais mais visados são aqueles que possuem carga memorial traumática, seja pela construção em si, ou pelos usos do passado que são postos sobre esse patrimônio. Quando me refiro a essa carga memorial, procuro o sentido de Feierstein em apontar uma memória traumática que é persistente no tempo presente, um lugar onde se mantém condições que reforçam e rememoram esse trauma. Em ambientes que fortalecem as relações de poder hegemônicas do projeto vencedor oriundo do passado local. Essas questões vêm ao encontro de outro ponto de Feierstein em estipular a incapacidade da memória em reproduzir o passado, mas sim de produzir um “presente recordado”. Esse presente é constantemente alterado pelas interpretações estabelecidas nesta memória, seja pela subjetividade do indivíduo que a rememora, ou também pela memória coletiva criada sobre o objeto/episódio.

## **2. Os “parceiros” empreendedores**

A partir do ano de 2020 surge publicamente a figura de Paulo Roberto da Silva Lima, conhecido pelas ruas de São Paulo como Paulo Galo. Galo, motoboy desde 2012, se torna uma representação de liderança para a categoria. Milhares de trabalhadores no contexto pandêmico, após a proliferação do vírus COVID-19 no ano de 2020, recorrem ao trabalho informal de entregadores por aplicativo. Esse movimento de trabalhadores, em sua maioria periféricos, a se tornarem entregadores é fomentado pelo crescente número de demissões decorrentes da

---

<sup>1</sup>O conceito de decolonialismo tem raízes em diversos pensadores e movimentos, mas dois dos principais expoentes são Aníbal Quijano, sociólogo peruano, e Walter D. Mignolo, semiótico argentino. O Decolonialismo refere-se a teorias e práticas que contestam e buscam dismantlar estruturas de poder e conhecimento estabelecidas durante a era colonial. Visa descolonizar o pensamento e as instituições, dando voz a perspectivas historicamente marginalizadas.



pandemia, visto as medidas de isolamento social adotadas no período. Os aplicativos de entrega se tornaram um dos poucos rumos para a classe trabalhadora que se encontrava desempregada, e que passava a ser refém de um trabalho informal e precarizado. Informal por não manter vínculo empregatício com as empresas, e precarizado por condições de ausência de segurança perante à pandemia e remuneração que não condiz com um trabalho essencial para o período.

A denominação desses trabalhadores como “parceiros” por essas empresas vai de uma tentativa de pessoalização que foge de todo o abuso da vasta disponibilidade humana de pessoas dispostas a exercerem a função, visto o desemprego iminente, a fome e a necessidade de dinheiro para o sustento de suas famílias.

Voltemos então ao Paulo Galo, uma voz da categoria que pelo início do ano de 2020 passa a verbalizar essa série de questões que foram pontuadas até então. Portador de uma eloquência que surge do Rap e também por manter o que denomina de “ódio organizado”<sup>2</sup>, em 23 de março de 2020 Galo divulga em suas redes sociais um vídeo-denúncia que nos impacta com a fala “você sabe o quanto é tortura um motoboy com fome tendo que carregar comida nas costas?”<sup>3</sup> Com essa fala, Galo expunha a falta de subsídio da alimentação dos entregadores, além de apontar a negligência e a falta de auxílio da empresa Ifood com os entregadores. Além disso, denunciava a ausência de precaução contra o vírus COVID-19 e a não distribuição de álcool gel aos “parceiros” da empresa. Em junho do mesmo ano, Galo passa a organizar, em São Paulo, uma parcela da categoria com o movimento social Entregadores Antifascistas, e leva sua indignação contra a precarização do trabalho dos entregadores de aplicativo para as ruas. Ambiente esse que se torna exclusivo desses trabalhadores: a rua se torna o local de reunião, trabalho, e a partir de agora também de mobilização. No ato organizado pelo movimento em 7 de junho de 2020, Paulo profere a fala “Ninguém aqui é empreendedor de porra nenhuma, nós é força de trabalho”<sup>4</sup>, fala essa que se baseia claramente em uma afronta ao discurso neoliberal conduzido pelas empresas cuja narrativa coloca os entregadores

---

<sup>2</sup> Fala feita no podcast de veiculação digital “Podpah”, em referência a Malcom X. In <https://www.youtube.com/watch?v=dGVNypIzKtE4> Acesso em 15/06/23

<sup>3</sup> Dos entregadores antifascistas ao fogo no Borba Gato, Paulo Galo quer criar a faísca da revolução In <https://www.youtube.com/watch?v=FN4SLdxYp3Y>. Acesso em 05/07/23.

<sup>4</sup> Conheça Paulo Lima, o entregador de aplicativo antifascista que organiza a categoria In <https://www.youtube.com/watch?v=iTVhpgxH8dY&t=1s>. Acesso em 05/07/23

como novos “empreendedores”, donos de seu meio, com liberdade de exercer seu trabalho no tempo desejado, trabalhadores que se reinventaram para adquirir sua renda e se manter ao longo da fragilidade do momento, entre outros argumentos rasos que buscam lograr o que é, de fato, o serviço prestado: um trabalho precarizado e que visa única e exclusivamente a exploração dessa classe. Vamos retomar o discurso sobre o empreendedorismo adiante, pois se torna um paralelo interessante para pensarmos os monumentos coloniais erigidos, incluindo o caso de Borba Gato.

Por muitos da categoria estarem iludidos pelo discurso neoliberal de trabalho, Galo aponta o difícil diálogo com uma ala dos entregadores que interpretam essa luta por direitos como algo banal, uma ala que de fato adere à ótica empreendedora do serviço que prestam, sem compreender a submissão imposta pelas empresas que exploram a situação e a força de trabalho desses. Esse mesmo grupo analisa o empenho da figura do Paulo Galo como um oportunista que aspira à vida política e às eleições do ano de 2020, descredibilizando ainda mais a luta mobilizada pelo grupo combativo de entregadores pelos direitos do trabalho.

No ano de 2021, o ativismo de Galo deixa de se voltar exclusivamente para a causa trabalhista dos entregadores de aplicativos e passa por um discurso progressista e decolonial perante o governo Bolsonaro. Para além das aparições com as suas falas, Galo mobiliza a intervenção ao monumento de Borba Gato, na zona sul de São Paulo, no dia 24 de julho de 2021, junto com as lideranças de Danilo de Oliveira (Biu) e Thiago Vieira, e cerca de 50 pessoas que acompanharam o ato. Da intervenção surge o movimento “Revolução Periférica”, também com a imagem de Paulo como liderança. O movimento aglutina periféricos que carregam uma série de descontentamentos impulsionados por uma onda de demais atos contra o então presidente Jair Bolsonaro, e usam da figura da estátua de Borba Gato como alvo para que suas reivindicações sejam ouvidas, ou melhor, vistas. Já que uma das questões mais relevantes é justamente a cobertura da intervenção ao monumento nas redes sociais, a questão visual era primordial ao movimento

A divulgação de imagens do ato nas redes sociais e jornais não-hegemônicos, a título de exemplo o jornal The Intercept Brasil que se torna um aliado nessa difusão, sobre o movimento social objetiva atingir a identificação de mais pessoas sobre as suas reivindicações. Visto que o nascimento de um

movimento social surge da indignação por certas injustiças, as imagens que esse grupo produz servem de inspiração aos que o assistem.

Ver e ouvir protestos em algum outro lugar, mesmo que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização, porque desencadeia a “esperança” da possibilidade de mudança. (CASTELLS, 2017, p.234 )

E a atuação do Revolução Periférica nas redes sociais se trata justamente desse intuito, em uma nova cultura organizacional de forma virtual de grupos e movimentos sociais como um modelo de articulação de seus atos (MACHADO, 2007). Da mesma forma, o medo do envolvimento e do perigo para quem assiste é superado a partir dessa divulgação de imagens (CASTELLS, 2017). Como padrão, percebemos essa divulgação surtir tal efeito até mesmo na gênese da imprensa mundial. Visto a divulgação da iconoclastia das imagens de monarcas espalhadas pelos Estados Unidos durante o processo de independência no século XVIII, e esse exemplo irradiar para a Europa e servir de referência aos já descontentes com Antigo Regime.<sup>5</sup>

E para o período que analisamos entre os anos de 2020 e 2021 percebemos um grande ápice de consumo desses conteúdos pelas redes sociais também em virtude da pandemia, o que amplia o seu alcance. Além disso, percebe-se a grande projeção exponencial de compartilhamentos por pessoas que se veem identificadas com as pautas expostas pelo movimento. Exemplos próximos e que se adequam bem aos moldes de articulação por redes sociais são os protestos do chamado “outubro rebelde” em 2019<sup>6</sup>, e a “primavera árabe” a partir de 2010, logicamente com proporções diferentes do que vemos com o caso do Revolução Periférica, mas que elucidam o “ciberativismo” desses grupos como forma de planejamento.

Com o movimento com origem na rua, e a cidade como o palco das suas mobilizações, começamos a ter o entendimento do porquê do uso do monumento a Borba Gato como alvo apropriado para compreender os questionamentos feitos a esse patrimônio que se estabelece por uma identidade local e hegemônica.

---

<sup>5</sup> CASTILHOS, Saulo; SOUZA, Jorge Victor. Por que são as estátuas derrubadas?. Buala, 2020. In <https://www.buala.org/pt/cidade/por-que-sao-as-estatuas-derrubadas>.

Acesso em: 05/07/2023

<sup>6</sup> WASSERMAN, Claudia. OUTUBRO REBELDE: eleições e protestos na América Latina. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. 28, p.402-419, 2020.

### 3. A memória e o processo de dessensibilização pelo monumento

O monumento de Borba Gato teve sua construção concluída em janeiro de 1963, após seis anos do início do processo. Uma obra do artista plástico Júlio Guerra, natural do Bairro de Santo Amaro e supostamente um descendente direto do bandeirante Borba Gato. Apoiado nesse fato, já conseguimos idealizar um princípio de identidade do monumento com o bairro em que foi posto e por quem foi construído. A obra foi uma demanda da prefeitura de São Paulo para a celebração do IV centenário do bairro, que até o ano de 1935 era um município emancipado da capital paulista. Nesse capítulo iremos identificar fatores chave que contribuem para a fixação da identidade bandeirante e compreender a implicação da dessensibilização a partir da construção desse monumento.

Durante o processo de montagem do monumento, Guerra utiliza na armação interna da estátua os antigos trilhos do bonde do bairro, que por si só representa a utilização do velho e obsoleto para dar lugar ao futuro. Um fato que constitui o enraizamento da identidade local, com uso de uma figura natural da localidade assim como a aplicação do antigo modal da região como um auxílio para o surgimento da estátua. Esses pontos acrescem à visão de progresso na figura do monumento. O historiador italiano Enzo Traverso expõe com o conceito de memórias de futuro<sup>7</sup> os usos do passado e de memória com a intencionalidade de projetar um futuro, supostamente melhor e otimista, em uma perspectiva revolucionária de esquerda (TRAVERSO, 2019), porém é factível trasladar esse conceito para um exemplo de uso do passado na figura de Borba Gato, um ícone do conservadorismo da direita. Pensando no monumento como um lugar de memória, especialmente como um monumento de alusão saudosista, como uma construção arbitrária, ele busca resgatar a memória local. Pela contemplação visa justamente os olhares nas raízes locais, alçando e projetando seu futuro. Traverso apresenta pelo conceito a perspectiva de utopias socialistas, e de esquerdas em um geral, para elucidar uma espécie de manipulação da história passada para a projeção de um futuro melhor. Porém, podemos traçar essa ótica para certas utopias da direita neoliberal, analisando em como o uso do bandeirantismo pelo monumento

---

<sup>7</sup> TRAVERSO, Enzo. Melancolía de izquierda. Despues de las utopias. Galaxoa Gutemberg, Barcelona. 2019.

representa uma identidade desbravadora, inovadora, e resgatando mais uma vez o termo mais adequado: empreendedora. Não pretendo criar paralelos entre os usos do passado tanto pela esquerda quanto pelo nacionalismo liberal, traço essa analogia pensando unicamente na existência de utopias em ambas as partes. Mais uma vez, Traverso nos explicita que a rememoração do passado seria um elemento chave para a imaginação utópica de futuro e de progresso, e monumentos assim como o de Borba Gato podem ilustrar essa questão.

O monumento de Borba Gato até o início do século XXI foi interesse recorrente de intervenções artísticas e alvo de apelidos pela sua aparência como “Monstro Gato”, “Monstromento”, “Bonecão”, entre outros. Além de inúmeras esquetes de jornais ridicularizando o monumento de pouca beleza. Essas intervenções se abstiveram de qualquer pauta de teor reflexivo quanto de fato ao conteúdo do monumento, pensando sobre o personagem em si e as problemáticas que implicam o bandeirantismo e a presença da estátua de 13 metros em Santo Amaro. Em um histórico mais recente, em 2008, Borba Gato se torna objeto de crítica pela controvérsia de sua imagem como homenagem, sendo feito no até então intitulado Dia do Índio, um julgamento popular. O bandeirante é enquadrado em uma série de crimes coloniais.

homicídio qualificado de negros, índios e brancos; promoção de trabalho escravo de negros e índios; estupro de mulheres negras e índias; apropriação indébita de riquezas e poder; e porte indevido e ofensivo de armamento pesado em espaço público. (WALDMAN, 2018, p. 180)

Em setembro de 2016, próximo das eleições para a prefeitura da capital paulista, tanto a estátua de Borba Gato quanto o monumento às bandeiras, também em São Paulo, amanhecem pintadas, novamente objetos de crítica pela sua simbologia. No ano de 2020 devido a reincidência de outras intervenções e a onda de manifestações após o assassinato de George Floyd, a estátua de Borba Gato passa a ser ameaçada, e a prefeitura intensifica o policiamento na região. Percebemos que recentemente esses ícones são cada vez mais criticados e debatidos pelo teor de sua identidade e a memória que prega.

A partir da primeira metade do século XX, em um período embebido de nacionalismos e o esforço para se estabelecer símbolos nacionais, passa a ser objetivo a afirmação da figura do bandeirante como símbolo paulista. Afirmação essa que se apresenta pela monumentalidade, além dos diversos batismos de

estabelecimentos, ruas, avenidas e até mesmo o edifício que exhibe o Estado em seu espectro tangível, o Palácio dos Bandeirantes. A intencionalidade de consolidar o bandeirante como um retrato do progresso e da identidade paulista se desenvolve em suas evocações em momentos de celebração na capital e redondezas. Visto o grande número de estátuas construídas ao longo das primeiras décadas do século XX, exaltando as imagens de Fernão Dias, Borba Gato, Raposo Tavares, Bartolomeu Bueno da Silva (Anhanguera), entre outros. A criação dessa memória de identidade paulista passa inclusive por dicionários produzidos ao longo do século passado. A aplicação do adjetivo bandeirante como sinônimo do gentílico paulista nos ilustra em como os termos se tornam justapostos, sendo a atuação desses imbricados com a sua origem.<sup>8</sup> Outro fato ilustrativo é a popularização, nas décadas de 1920 e 1930, da atividade do escotismo nas camadas médias da sociedade paulista entre crianças e adolescentes. A prática inglesa do início do século XX é importada para o Brasil, e em São Paulo é traduzida de forma que se adequasse à identidade local. Tem como um dos expoentes o Movimento Bandeirante do Brasil, também nomeado somente como Bandeirante, fundado em 1919 e dirigido ao escotismo feminino como uma reprodução do movimento inglês *Girls Guide*, no sentido literal da tradução, como mulheres que tomam a frente na passagem.<sup>9</sup> A escolha de nomes de bandeirantes como patronos de grupos escoteiros também evidencia essa pretensão de ressaltar a identidade paulista, assim como a constante presença desses grupos em eventos cívicos como o centenário da independência em 1922. O escotismo se torna a personificação do resgate de um modelo bandeirante de exploração (talvez em ambos os sentidos da palavra), de adaptação, coragem e iniciativa. O escoteiro se torna, em poucas palavras, um bandeirante moderno.

Reservo este tópico para tratar das implicações das memórias frente à identidade fabricada sobre o bandeirantismo, mais especificamente os traumas causados a partir da fixação dessa memória pela monumentalidade pelo caso de Borba Gato. Ao analisar as produções do historiador Michael Pollak entendemos a percepção de memória como uma construção de forma organizada, com uma

---

<sup>8</sup> WALDMAN, Thaís Chang. Entre batismo e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo, 2018. Tese (Doutorado em Ciência Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2018.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 12

ligação direta com construções de identidade, seja individual ou coletiva, mas vamos nos atentar às memórias e identidades coletivas. Essa construção memorial se habilita como uma mantenedora da continuidade organizacional do projeto hegemônico, usando os casos de monumentos coloniais da América Latina como referência. Ou seja, a memória afetiva e identitária sob o monumento o mantém de pé justamente pela ótica hegemônica que o ergueu, essa manutenção não se apresenta de forma unânime, o que abre espaço para que memórias que se sintam afetadas (ofendidas) pelo monumento venham a intervir nele. Pensar no monumento como um lugar de memória (NORA, 1993) é tornar o local como uma âncora memorial para determinado grupo, um lugar de lembrança, mas ao passo que o projeto hegemônico voluntariamente produz tal monumento para reproduzir sua memória vencedora, ela passa a atingir a dos demais projetos vencidos.

Quando é celebrada a figura de Borba Gato pelo erguimento do monumento surge o conflito de memórias, da mesma forma que visivelmente observamos o monumento em sua concretude, é perceptível à sombra desse as memórias traumatizadas e invisibilizadas pela sua construção.

A presença desses mortos funestos no nosso espaço público visa garantir que o princípio do assassinato e da crueldade que eles personificaram continuem a assombrar nossa memória, a saturar nosso imaginário e nossos espaços de vida, provocando assim em nós um estranho eclipse da consciência e nos impedindo, *ipso facto*, de pensar com toda a clareza.<sup>10</sup>

Esse excerto do artigo de Achille Mbembe elucidava bem o conceito de dessensibilização do cientista social Daniel Feierstein. Proponho colocá-lo como uma possível interpretação de como a monumentalidade pode fazer parte do processo de dessensibilização, atingindo memórias que foram traumatizadas pela figura homenageada, se tornando algo inescapável, até o momento em que uma intervenção a coloque em debate. Mas então, o que seriam processos de dessensibilização? A trilogia de Feierstein<sup>11</sup> se trata da aplicabilidade do conceito frente às memórias traumáticas dos genocídios do holocausto e a experiência

---

<sup>10</sup> MBEMBE, Achille. O que fazer com as estátuas e os monumentos coloniais?. Revista Rosa. São Paulo, 2020. In <https://revistarosa.com/2/o-que-fazer-com-as-estatuas-e-os-monumentos-coloniais>. Acesso em: 05/07/2023

<sup>11</sup> Trilogia desenvolvida pelos livros: El genocidio como práctica social. Entre el nazismo y la experiencia argentina (2007); Memorias y representaciones. Sobre la elaboración del genocidio (2012); Juicios: sobre la elaboración del genocidio II (2015) e Introducción a los estudios sobre genocidio

ditatorial na Argentina. Antes de abordar o conceito em si, Feierstein aponta a falha durante boa parte do século XX em não abordar os estudos sobre memória integralmente, seria isso pensando a memória de forma interdisciplinar entre a neurociência, a psicanálise e as humanidades (Ciências Sociais e História). E dessa forma chegar a um denominador comum de como os processos de produção de memória podem afetar a construção identitária através de situações traumáticas.<sup>12</sup>

O autor nos apresenta às descobertas do neurocientista Eric Kandel<sup>13</sup> em como as conexões sinápticas entre os neurônios se transformam em reações básicas de aprendizagem para o corpo. Sendo elas a habituação, a sensibilização e o condicionamento. A habituação é identificada como consequência da indução de choques elétricos inofensivos a uma espécie de lesma, em que é constatado que com a recorrência dos choques o sistema nervoso se “acostuma” com o ocorrido e ele passa a não implicar mais em um incômodo como no início. Feierstein ainda nos exemplifica como o caso de nós nos acostumarmos com um certo barulho contínuo durante a noite, e mesmo assim conseguimos dormir com esse incômodo. A sensibilização se aplica pelo choque gradualmente tendo sua intensidade aumentada cada vez que é aplicado, gerando uma resposta contrária à habituação, ou seja, a reação ao incômodo se torna cada vez mais agressiva perante o choque, gerando a necessidade de se combater o fato. O terceiro e último caso identificado é o condicionamento, uma resposta visto ao experimento de por vezes a perturbação ser inofensiva, e outras agressiva. O que gera uma resposta condicionada do organismo, mas evidentemente cria a desconfiança em ambos os casos, pois o organismo não sabe o que esperar do estímulo.

Pensando nesses três casos, Feierstein expõe uma quarta possibilidade sendo a hipótese da dessensibilização:

*el sometimiento permanente a un estímulo doloroso, ante el cual no hay posibilidad de acción (inviabilidad de la evitación huida o la confrontación). [...] Esto es, el apaciguamiento del conjunto de transmisiones sinápticas vinculadas al dolor, en tanto única finalidad adaptativa del dolor si vincula a constituir un sistema de alerta para la acción. Si la acción se encuentra obturada, entonces todo el sistema nervioso de comunicación del dolor debería sufrir una lenta pero sostenida adaptación a fines de ir deprimiendo la intensidad de la transmisión. (FEIERSTEIN, 2012, p.36)*

---

<sup>12</sup> FEIERSTEIN, Daniel Eduardo. Memorias y representaciones: Sobre la elaboración del genocidio. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2012.

<sup>13</sup> KANDEL, Eric. En busca de la memoria: El nacimiento de una nueva ciencia de la mente, Buenos Aires, Katz, 2007.



Pelas palavras do autor a dessensibilização seria muito semelhante ao caso de habituação da dor. Porém, existem duas variáveis que a distinguem: a primeira, de que esses estímulos podem produzir infinitas formas de sofrimento, e não somente um caso isolado; e a segunda variável seria que as consequências causadas não são inofensivas, mas sim causadoras de grande dor. Sendo em nosso caso, causadoras de um grande trauma. A resposta adaptativa direta de uma exposição constante da dor (trauma) surge a situação de paralisia frente ao perigo do qual não se pode fugir, a inibição da ação perante algo. A lapidação de um sentimento de angústia é gerada, e essa sustentação durante o tempo faz surgir a perda de esperança, de reação.

Logo que a resposta adaptativa se vincula diretamente à insensibilidade aos estímulos dolorosos, a memória traumática cria uma espécie de impressão digital em nosso cérebro. Da mesma forma que interpretamos a memória como construção, ela percorre gerações se moldando por discursos atuais e por diferentes interpretações da impressão digital, porém constantemente rememorada. Essa constância é denominada por Feierstein como “presente recordado”, em uma reconstrução de cenas que podemos vincular como uma âncora no passado rememorado.

*Pero que, a la vez, la respuesta adaptativa logica a un ejercicio de sufrimiento prolongado y extremo como el que surge de someter una sociedad a un sistema concentracionario podria ser una progresiva y creciente de desensibilizacion general. (FEIERSTEIN, 2012, p. 59)*

Como podemos então vincular a construção de um monumento com a ideia de processos de dessensibilização? Feierstein ao ir ao encontro com as ideias do sociólogo Maurice Halbwachs em compreender lugares como instrumentos de fixação de recordações e da mesma forma marcos sociais, que vamos traduzir nessa pesquisa como o próprio marco de construção do monumento, torna possível compreendermos a estátua de Borba Gato como um desses lugares. Um monumento que rememora constantemente a dor colonial de figuras subalternizadas e assegura que o trauma seja recordado na imagem de um ícone. O monumento se torna um lugar físico onde se mantêm as condições que reforcem a lembrança do trauma, e que reforça as relações de poder que permeiam a fixação de uma memória traumática nos olhares das sociedades sobreviventes. O presente recordado de Feierstein não está somente nas rememorações das memórias

traumáticas passadas por gerações, seja pela oralidade indígena ou da transmissão dessas memórias por comunidades negras, mas está estritamente ligado também à fixação desse monumento em dessensibilizar quem o vê. Em um processo concomitante a invisibilização dessas memórias subalternizadas.

#### **4. Um Borba Gato em chamas**

Em 24 de julho de 2021 o monumento a Borba Gato é incendiado e o movimento social Revolução Periférica assume a autoria em suas redes sociais momentos após o ato. Após quatro dias Paulo Galo é preso ao se entregar voluntariamente à polícia de São Paulo. Em seu depoimento, Galo aponta a intencionalidade de abrir o debate do porquê da existência do monumento, e o porquê a homenagem a uma figura que carrega uma série de controvérsias sobre a sua história frente a evidências de escravização e assassinato de indígenas, ainda permanecer no espaço público.

A intervenção ao monumento segue a corrente impulsionada pelo assassinato de George Floyd pela polícia norteamericana em maio de 2020. O movimento paulista adere o exemplo de diversas outras intervenções em protesto ao racismo institucional e os reflexos da colonialidade principalmente pela América. As estátuas construídas em homenagem a figuras do período colonial são os maiores alvos, principalmente personagens vinculados diretamente com o escravismo e ao genocídio indígena como Cristóvão Colombo, Simón Bolívar, Sebastián Belalcázar, entre outros. Seguidamente à manifestação ao redor da estátua de Borba Gato o ato é reprimido por parte da mídia que reduz o feito a um ato de vandalismo ao patrimônio histórico da cidade, além de os estadistas carregarem falas semelhantes. Uma avaliação que torna simplista a real intencionalidade do movimento social, e podemos visualizar essa questão com o levantamento feito pelo jornal O Globo<sup>14</sup> se referindo à intervenção. Além disso, o movimento sofre outras acusações infundadas e apontadas por Galo pelo fato do ateamento do fogo ter sido iniciado com pneus e

---

<sup>14</sup> Fogo em estátua de Borba Gato gera disputa ideológica entre direita e esquerda nas redes. In <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/fogo-em-estatua-de-borba-gato-gera-di-sputa-ideologica-entre-direita-e-esquerda-nas-redes.html>

por terem realizado uma barricada ao longo da Avenida Adolfo Pinheiro, paralelo a um posto de combustível, como se essa barreira tivesse sido feita propositalmente para uma suposta explosão. Quando, pelo relato de Galo, o bloqueio é feito visando justamente o impedimento de que as pessoas se aproximassem do incêndio, com a finalidade de evitar danos aos pedestres. Segundo as palavras da liderança dos movimentos, se alguém se ferisse, o ato “iria para o saco”.

Após uma semana da intervenção é realizado um encontro da Frente Integralista Brasileira (FIB) e demais membros de grupos conservadores ao redor do monumento para realizarem a limpeza da fuligem que ainda permanecia na estátua. Divulgado na página da FIB pelo título “Nacionalistas limpam estátua de Borba Gato: Limpeza da estátua marcou um contraponto ao ato violento da esquerda radical contra o monumento”<sup>15</sup>, a movimentação ainda teve a fala do presidente da Frente fascista: “Sem o serviço dos bandeirantes a Nação Brasileira não experimentaria a glória de ser o império que é: e nos falta atingirmos a coragem bandeirante para soerguermos este pavilhão que desejamos ver”. Falas como essas são perceptíveis também em outros locais como após uma série de intervenções a estátuas de colonizadores espanhóis em Badajoz, na Espanha, no dia 12 de outubro, data extremamente contestada tanto na Espanha quanto na América Latina pelo seu saudosismo com o início do colonialismo europeu em nosso continente. São percebidas falas como “miopia histórica”, “ataque à história da Espanha”, e até mesmo “aos protagonistas da gesta hispânica na América, estremenhos e espanhóis que levaram a civilização a aquelas terras”<sup>16</sup>. Tais discursos logicamente silenciam toda e qualquer violência causada pelos colonizadores, assim como as estátuas que evocam do passado toda escravização e genocídio indígena cometidos (WASSERMAN, 2023).

Esses pontos tornam perceptíveis a ligação identitária entre grupos conservadores com o patrimônio histórico proveniente da vitória do projeto civilizatório europeu, e a sustentação memorial e histórica a partir da construção de monumentos como os de Borba Gato, por exemplo. O incêndio do bandeirante é,

---

<sup>15</sup> Nacionalistas limpam estátua de Borba Gato: Limpeza da estátua marcou um contraponto ao ato violento da esquerda radical contra o monumento In <https://integralismo.org.br/movimento/nacionalistas-limpam-estatuadeborbagato/>

<sup>16</sup> Vandalizan en Badajoz tres estatuas relacionadas con el Descubrimiento de América In [https://www.abc.es/cultura/abci-vandalizan-badajoz-tres-estatuas-personajes-historicos-descubrimientoo-america202010131406\\_noticia.html](https://www.abc.es/cultura/abci-vandalizan-badajoz-tres-estatuas-personajes-historicos-descubrimientoo-america202010131406_noticia.html)

simbolicamente, uma afronta direta à direita conservadora que atua na construção e na preservação do monumento. Portanto, o conflito de memórias está posto: de um lado os que preservam a estátua por crer na identidade perpetrada pela figura do bandeirante, até mesmo antes da construção do monumento, e, de outro, o movimento social que põe em pauta os questionamentos já assinalados, ao lado dos grupos subalternizados e não-hegemônicos que esse próprio monumento atinge, negros e principalmente indígenas. A seguir, iremos abordar os motivos dessa identidade local paulista ser enraizada pela figura bandeirante.

No campo da História existe um certo consenso de que monumentos como os já mencionados possuem uma série de problemáticas na contemporaneidade por celebrar sujeitos vinculados aos desastres coloniais. E que o fato de estarem ainda de pé é algo a ser discutido e que gera a necessidade de serem ressignificados. Porém, algo que não se torna consensual são os meios de ressignificar esses monumentos, alguns adeptos de que os monumentos precisam efetivamente serem alvos de intervenções para que seja visível a inconformidade da sua presença. Outros defendem a permanência dos monumentos para que seja ressignificado por meios educativos, e rechaçam o radicalismo em intervir nessas construções seja efetiva para tal fim<sup>17</sup>. E uma terceira via seria a da manutenção desses monumentos controversos, mas deslocados para espaços como museus, em que a ação educativa e de ressignificação seriam concretamente feitas.

Observamos então nesse momento exclusivamente o caso brasileiro. No Brasil não há uma política de memória que permita a reflexão e resulte em algum tipo de ação do poder público, seja pela negligência de educação patrimonial, ou até mesmo pelo incentivo para atividades culturais que abordam tais temas. A ação destrutiva de movimentos sociais sobre monumentos se torna um meio plausível para que um tópico sensível seja posto na mesa. O radicalismo na intervenção nesse caso talvez seja favorável pela visualização impactante de um incêndio. Pensando na ressignificação do monumento por uma reflexão é primeiro necessário que se entenda o porquê de tal estátua existir e estar de pé. E esse entendimento é quebrado a partir do momento em que é prezado apenas a explanação histórica da figura que é representada, no lugar do porquê a estátua estar onde está. Diante

---

<sup>17</sup> NAPOLITANO, Marcos. A guerra às estátuas e a política pública de memória. Nexo, 2021. In <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/A-guerra-%C3%A0s-est%C3%A1tuas-e-a-pol%C3%ADtica-p%C3%BAblica-de-mem%C3%B3ria>. Acesso em: 05/07/2023

disso a memória deveria ser o cerne do ensino, baseada nos usos do passado a partir do monumento, com a percepção das intencionalidades de construção, por quem é construído e etc. Me mantenho adepto à ideia de que esses monumentos deveriam sim ser deslocados a museus e que fossem ressignificados a partir de seus questionamentos, o que para o cenário brasileiro converte-se em uma tarefa complexa pela insignificância memorial que casos como esses são interpretados, e pela circunstância de que museus não passam pelo crivo cultural de boa parte da população, tornando pouco popular ações nesse sentido.

*El lugar de algunas estatuas, de personajes cuestionables, nefastos o incluso abominables, idealmente debería ser el espacio de un museo o espacio similar, pues son piezas que hablan de un pasado determinado y dan cuenta de esa época (la del tiempo de su construcción). Pero, el acto simbólico del derribo de estatuas de dictadores, también posee un valor histórico, pues representa la caída de regímenes autoritarios, relacionados a la violación de los derechos humanos. Estos actos simbólicos, junto a otros, son importantes para una sociedad que se concibe libre nuevamente.<sup>18</sup>*

O cientista social peruano Eddy Meza aponta o trecho em questão para a derrubada do monumento em homenagem a Saddam Hussein, no Iraque, em abril de 2003. Porém podemos facilmente trazer esse tópico para o caso de Borba Gato, se torna simbólico a intervenção e o levante de um grupo formado por pessoas periféricas e subalternizadas da contemporaneidade para atingir um ícone colonial que os ameaçaria séculos atrás, e que sua imagem na atualidade ainda atinge certas memórias. Apesar de um bom avanço da História Pública para alcançar novas pessoas com a ciência histórica, é possível consentir que a produção da academia ainda atinge pouco o público geral. E a atuação que o Revolução Periférica, e demais movimentos sociais, exercem sobre as intervenções feitas é de uma importância notável de difusão para que monumentos como esses passem a representar um novo viés de interpretação da obra, longe da perspectiva hegemônica de quem o construiu. Mesmo não fazendo parte dessa produção acadêmica, carregam a influência quando seu foco de intervenção é uma das principais pautas de historiadores hoje em dia.

*Derribar monumentos que conmemoran a los gobernantes del pasado da una dimensión histórica a las luchas del presente contra el racismo y la*

---

<sup>18</sup> MEZA, Eddy Romero. SOBRE HÉROES Y ESTATUAS. LAS LUCHAS POR LA MEMORIA HISTÓRICA (Parte II). Medium, 2020. In <https://eddyromeromezamedium.com/sobre-h%C3%A9roes-y-estatuas-las-luchas-por-la-memoria-his%C3%B3rica-parte-ii-c17c23dba6aa>. Acesso em: 05/07/2023

*opresión. Quizás signifique incluso algo más que eso. Es otra forma de oponerse a la gentrificación de nuestras ciudades, que supone la metamorfosis de sus distritos históricos en lugares cosificados y fetichizados.<sup>19</sup>*

Retomando a fala de Galo mencionada anteriormente sobre a defesa de que a categoria de entregadores não representa uma classe empreendedora. Trago a fala do historiador francês Stéphane Michonneau em uma conferência no Museu de História de Barcelona ao se referir ao monumento de Cristóvão Colombo na capital catalã como:

*el monumento a Colón ya adopta un sentido particular: es un himno a los valores individuales del emprendedor; exalta la gesta imperial según los intereses de las élites comerciantes e industriales catalanas.<sup>20</sup>*

Como uma exaltação ao empreendedorismo de Colombo ao erguer tal estátua, podemos interpretar uma intenção similar à construção da estátua de Borba Gato na zona sul de São Paulo. Um monumento a saudar o empreendimento do bandeirante que apesar de todas as dificuldades encontradas conquista os interiores do território brasileiro na busca de riquezas, mas logicamente nesse discurso se desconsidera as vidas indígenas tiradas ao longo do caminho, caso contrário o discurso também poderia “ir para o saco”. Seria essa a coragem bandeirante mencionada pelo presidente da FIB? Certamente sim, baseada em uma visão guiada por antolhos que se atém somente aos avanços bandeirantes aos territórios ainda não conquistados do Brasil, silenciando efetivamente os meios tomados para essa conquista. Apesar de se tratar de um anacronismo em tornar objeto o empreendedorismo bandeirante e o empreendedorismo neoliberal discursado pelas empresas de aplicativos de entrega. Se torna muito simbólica a intervenção de Galo a esse monumento quando é posto fogo em um empreendedor explorador, em um processo pessoal, e do movimento, de negação da prática neoliberal de exploração pela maquiagem empreendedora posta sobre esses entregadores. Essa intencionalidade está longe de ser factual por parte do movimento social que intervém no monumento, porém na figura de Paulo Galo ela se torna alegórica.

<sup>19</sup> TRAVERSO, Enzo. Derribar estatuas no borra la historia, nos hace verla con más claridad. Viento Sur, 2020. In <https://vientosur.info/derribar-estatuas-no-borra-la-historia-nos-hace-verla-con-mas-claridad/>. Acesso em 15/12/23.

<sup>20</sup> Conferência de Stéphane Michonneau, no Museu de História de Barcelona - ¿Por qué un monumento a Colón en Barcelona? In <https://ajuntament.barcelona.cat/memoriademocratica/wp-content/uploads/2017/12/Per-que-un-monument-de-Colom-a-Barcelona-Michonneau-%C3%A1-es-ES.pdf>. Acesso em 05/12/23.

Compreendemos que a construção de monumentos históricos obedece a uma demanda hegemônica a partir de uma imposição dessa memória no espaço público. Sendo esse monumento capaz de exercer um papel de uma espécie de pedagogia cotidiana<sup>21</sup> a todos que circulam pelo patrimônio diariamente, com o intuito de reafirmar o que deve ser lembrado do passado colonial e como deve ser recordado. De certa forma, adestrar a quem testemunha o monumento, garantir que o passado da história oficial seja replicado e difundido é um componente direto da colonialidade contemporânea. A ação de derrubar ou intervir nesses monumentos não significa negar o passado ou mudá-lo, assim como líderes estatais e/ou a mídia alinhada com discursos conservadores apontam como uma mancha para a história oficial. Se trata de demonstrar que esse passado se expõe a um tempo de racismos, escravidão e colonialismo. Se trata de ser um movimento contrário às celebrações que são feitas por esses monumentos, e nesse sentido transmito novamente mais uma das frases de Galo “se há motivos para levantar uma estátua, também existem motivos para derrubá-la”<sup>22</sup>.

## 5. Considerações finais

O genocídio não é o único modo de transformar relações sociais, mas é um deles. Feierstein os interpreta como um modo de “reorganização”<sup>23</sup> com bases em uma criação de alteridades negativas para a soberania de certa identidade. Reorganização que se baseia na dizimação do outro para que se tenha a possibilidade de se tornar hegemônico. Sendo parte deste processo logicamente se trata da destruição concomitante das identidades e memórias dessa alteridade, que nominalmente para o caso da pesquisa se trata principalmente das vidas indígenas assassinadas ao longo do período colonial.

---

<sup>21</sup> MEZA, Eddy Romero. SOBRE HÉROES Y ESTATUAS. LAS LUCHAS POR LA MEMORIA HISTÓRICA (Parte I). LaMula, 2020. In <https://sociohistoria.lamula.pe/2020/06/22/sobre-heroes-y-estatuas-las-luchas-por-la-memoria-historica/eddy/>. Acesso em 05/07/2023.

<sup>22</sup> Postagem em sua página na rede social Instagram denunciando a violência policial sofrida após abordagem In [https://www.instagram.com/p/CpXyEsPuwYW/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CpXyEsPuwYW/?img_index=1).

<sup>23</sup> FEIERSTEIN, Daniel Eduardo. El genocidio como práctica social: entre el nazismo y la experiencia argentina. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2007.

O apagamento de memórias se torna um encargo de percepção de historiadores e cientistas sociais para que sejam evidenciadas no tempo presente. Visto que a aplicabilidade dessa ausência/invisibilidade se torna um campo a ser estudado, seja para comprovar as práticas genocidas do período colonial, como também a sinalização do esforço de apagamento dessas memórias no tempo presente. A construção do monumento de Borba Gato é um exemplo contemporâneo desse empenho em apagá-las. E novamente é por esse motivo que retorno à intervenção do movimento social Revolução Periférica a esse monumento. A intervenção inverte de certa forma a vinculação com essa memória traumática, passamos de uma dessensibilização em que a reatividade não é mais possível, para a sensibilização, rompendo com a lógica dessensibilizadora que estabelece o monumento como algo doloroso e traumático até o ponto em que se torne o habitual. Um momento em que a resistência agressiva ao trauma é manifestada e compartilhada por seus pares. Interpretamos que essa dor constantemente ampliada deve ser rebatida e posta em debate. Um processo contrário inclusive ao poder pedagógico que o monumento exerce<sup>24</sup>, ao passo que a estátua que cotidianamente destaca a colonialidade, agora arde em chamas evidenciando a objeção das memórias que se sentem oprimidas por essa construção.

Esse fato de quebra com o processo de dessensibilização criado no momento de construção do monumento nos remete possivelmente a uma nova reflexão. Reflexão de que monumentos controversos, assim como o de Borba Gato, em algum momento tenha a necessidade de ter a sua própria intervenção, seja por incêndio, derrubada, e até mesmo sendo deslocada para um museu. A intenção de rompimento desse processo e a consciência dele, ao perceber que o monumento histórico faz parte da dessensibilização abre a discussão para que supostamente outros monumentos semelhantes sejam também um sintoma do processo.

---

<sup>24</sup> Ibidem, p.10



## 6. Referenciais bibliográficos

ADAMS, T. WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 23-68.

CANCLINI, Néstor. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. in: Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1994. p. 95-115.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Contexto. São Paulo, 2016. p. 15-20, 83-179.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Zahar, Rio de Janeiro, 2017.

CASTILHOS, Saulo; SOUZA, Jorge Victor. **Por que são as estátuas derrubadas?**. Buala, 2020. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cidade/por-que-sao-as-estatuas-derrubadas>. Acesso em: 05/07/2023

CORRÊA, R. L. **Monumentos, política e espaço**. Geo Crítica/Scripta Nova: Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona, 2005, vol. IX, núm. 183.

FEIERSTEIN, Daniel Eduardo. **El genocidio como práctica social: entre el nazismo y la experiencia argentina**. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2007.

FEIERSTEIN, Daniel Eduardo. **Memorias y representaciones: Sobre la elaboración del genocidio**. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora Centauro, São Paulo, 2005.

JÚNIOR, Francisco das Chagas F. Santiago. **Dos lugares de memória ao patrimônio**: emergência e transformação da 'Problemática dos lugares'. Projeto História. São Paulo, 2015, p. 245-279.

LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro Telles da; NICODEMO, Thiago Lima. **Nunca fomos tão úteis**. Esboços , v. 27, p. 161-169, 2020.

MACHADO, Jorge Alberto S.. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Sociologias, São Paulo, 2007, volume 18.

MBEMBE, Achille. **O que fazer com as estátuas e os monumentos coloniais?**. Revista Rosa. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistarosa.com/2/o-que-fazer-com-as-estatuas-e-os-monumentos-coloniais>. Acesso em: 05/07/2023

MEZA, Eddy Romero. **SOBRE HÉROES Y ESTATUAS. LAS LUCHAS POR LA MEMORIA HISTÓRICA (Parte I)**. LaMula, 2020. Disponível em: <https://sociohistoria.lamula.pe/2020/06/22/sobre-heroes-y-estatuas-las-luchas-por-la-memoria-historica/eddy/>. Acesso em 05/07/2023.

MEZA, Eddy Romero. **SOBRE HÉROES Y ESTATUAS. LAS LUCHAS POR LA MEMORIA HISTÓRICA (Parte II)**. Medium, 2020. Disponível em: <https://eddyromeromezamedium.com/sobre-h%C3%A9roes-y-estatuas-las-luchas-por-la-memoria-hist%C3%B3rica-parte-ii-c17c23dba6aa>. Acesso em: 05/07/2023

NAPOLITANO, Marcos. **A guerra às estátuas e a política pública de memória**. Nexojornal, 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/A-guerra-%C3%A0s-est%C3%A1tuas-e-a-pol%C3%ADtica-p%C3%BAblica-de-mem%C3%B3ria>. Acesso em: 05/07/2023

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, 1993, p. 7-28.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: Lander, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas. CLACSO. Buenos Aires, 2005. p. 107-130.

SILVEIRA, Pedro Telles da. **Lembrar e esquecer na internet**: Memória, mídias digitais e a temporalidade do perdão na esfera pública contemporânea. Varia Historia, 37(73), 2021, p. 287–321.

TRAVERSO, Enzo. **Derribar estatuas no borra la historia, nos hace verla con más claridad**. Nueva Sociedad, 2020. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/estatuas-historia-memoria/?fbclid=IwAR3jhjtUsh68wobltRoM6l5C-yrhb2WtcQBG2R8CrI2-J9H5uFmku-7P2VI> Acesso em: 17/12/2023

TRAVERSO, Enzo. **Melancolía de izquierda**. Despues de las utopias. Galaxoa Gutemberg, Barcelona. 2019.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**: história, memória e política. Edições Unipop, Lisboa, 2012.

WALDMAN, Thais Chang. **Entre batismos e degolas**: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018. Tese de Doutorado em Antropologia Social.

Wasserman, Claudia. **"¿Por qué no te callas?": uma crítica ao colonialismo**. Research Gate, 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/373111951\\_Por\\_que\\_no\\_te\\_callas\\_1\\_uma\\_critica\\_ao\\_colonialismo?channel=doi&linkId=64da4d3225837316ee0ffd70&showFullText=true](https://www.researchgate.net/publication/373111951_Por_que_no_te_callas_1_uma_critica_ao_colonialismo?channel=doi&linkId=64da4d3225837316ee0ffd70&showFullText=true) Acesso em: 15/12/2023